

Histórias em tempos de crise climática: um desafio que fica para o jornalismo¹

Emanuely Miranda²

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP

RESUMO

As consequências do aquecimento global atingem todos os cantos do planeta e se manifestam de diversas formas. Em todos os casos, algo se repete: a ameaça à vida. Diante dessa situação emergente e sistêmica, importa tatear caminhos potentes e sensíveis para contar histórias que foram atravessadas por algum evento climático. Com esse propósito, este trabalho se aproxima das propostas metodológicas de Haraway (2019, 2021) a fim de investigar a metodologia das mesas de trabalho realizadas pelo Grupo MultiTÃO no âmbito da revista Climacom - conforme sistematizou Dias (2023) - e ativar um jornalismo que dá conta da proporção cósmica da crise climática.

PALAVRAS-CHAVE

Crise Climática; Aquecimento Global; Jornalismo; Narrativas

Introdução

De acordo com a Organização Meteorológica Mundial (OMM), 2023 atingiu um novo recorde de temperatura média para todo o planeta, consolidando-se como o ano mais quente de todos os tempos. No entanto, infelizmente, não para por aí. Estima-se que 2024 o supere ainda mais.

E mais: Marengo (2001) prevê que a temperatura média global sofra um aumento entre 1,3°C e 4,6°C em 2100. O autor enfatiza que, embora a variação de clima seja um processo natural, a ação antrópica - através das emissões de Gases de Efeito Estufa (GEE) - pode lhe custar uma mudança irreversível. Não seria exagero afirmar que estamos vivenciando uma crise climática.

É fato que as regiões sentirão o aquecimento global de acordo com suas respectivas particularidades. “Em relação à precipitação, os estados do Sul tornam-se mais úmidos, enquanto grande parte da Amazônia fica mais seca” (Marengo, 2001, p. 11). Mas, apesar das distintas variações entre as manifestações das mudanças climáticas,

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho (Estudos em Comunicação e suas interdisciplinaridades), evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Mestra em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), jornalista da ClimaCom, bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq (465501/2014-1), FAPESP (2014/50848-9) e CAPES (16/2014), sob orientação de Susana Dias. Integra o coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq). Email: emanuelymiranda.em@gmail.com

há algo que se repete invariavelmente em todos os cantos do mundo: os desastres sempre colocam seres e forças em risco.

Nesse sentido, interessa pontuar que, embora o aquecimento global seja um problema planetário que nos atinge coletivamente, há quem sofra antes e mais. Brum (2019) afirma que as consequências chegarão primeiramente para os mais frágeis. Ou seja, pessoas cujas vulnerabilidades aos eventos climáticos são agravadas por problemas como a desigualdade social e o racismo ambiental. “Não estamos todos no mesmo barco. Não estamos mesmo. A maioria só tem barquinhos de papel” (BRUM, 2019, p. 274).

Krenak (2020) vai além e alerta para o fato de que muitas espécies morrerão antes de nós. Ecossistemas inteiros se encontram comprometidos. “Aquele urso branco que passeia no Ártico já está parecendo um cachorro que se perdeu (...) Não acho que foi apelação publicitária usar a imagem dele para mostrar como nós predamos a vida no Ártico” (Krenak, 2020, p. 54)

A crise climática é sobretudo uma ameaça à vida. Todas as formas de vida. Diante disso, torna-se necessário pensar sobre o modo como se dão as narrativas do aquecimento global e suas conseqüentes tragédias. Nesse sentido, jornalistas e divulgadores científicos ficam com o desafio de contar o incontável, conforme Miranda (2024) aponta.

Sendo assim, este trabalho - em conexão com o Grupo de Pesquisa MultiTÃO: Prolifer-artes Sub-vertendo Ciências, Educações e Comunicações - busca encontrar caminhos potentes para a divulgação científica perante a crise climática. Para tanto, dialoga com Haraway (2019, 2021) e com Dias (2023), interessa-se pela prática jornalística da revista Climacom e investe em um posicionamento a favor de um jornalismo sensível.

Metodologia

Haraway (2019) diz que importa quais histórias contamos para contar outras histórias. Partindo daí, chegou a metodologias que mobilizam um outro jeito de estar viva/vivo/vive e de conduzir nossas narrativas: fabulação especulativa e espécies companheiras.

Suas metodologias se encontram e se afetam, pois compartilham pulsações entre si mesmas. No livro "O Manifesto das Espécies Companheiras", convoca-nos para vivermos e contarmos histórias com outros seres. Já no livro “Seguir com o Problema”,

apresenta a fabulação especulativa como um gesto que possibilita conexões. “Minha narração multiespécie trata sobre a recuperação em histórias complexas tão cheias de morte quanto de vida, tão cheias de finais, e até de genocídios, como de princípios” (HARAWAY, 2019, p. 31).

Nesse sentido, torna-se preciso desafiar o que está dado a fim de contar sobre a vida acima de tudo, até mesmo sobre a vida que foi posta à margem. “Inverter sentidos, transpor o corpo da comunicação; reformar, remodelar; desvios que contam a verdade: eu conto histórias sobre histórias, de ponta a ponta” (HARAWAY, 2021, p. 18)

O Grupo de Pesquisa MultiTÃO: Prolifer-artes Sub-vertendo Ciências, Educações e Comunicações faz parte da Rede Latino-Americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas e se inspira nas metodologias de Haraway (2019, 2021) a fim de se conectar, fabular e compor com uma multiplicidade de vidas. Com eles, experimenta-se um modo mais sensível de habitar o mundo e contar histórias. Entre suas experimentações, encontram-se as mesas de trabalho.

Para Dias e Brito (2022), elas correspondem a uma manifestação artística e também uma metodologia de pesquisa. Trata-se da exposição de artes e ciências nas mais diversas materialidades. No entanto, para além de unicamente expor e contemplar, essa prática convoca as pessoas a interagirem e comporem com tudo que ali está.

As mesas convocam que a criação seja pensada não como algo extraordinário e raro, mas como perceptível a cada gesto, em cada passagem entremeios. Dão a chance de exercitarmos a atenção, percebermos como podemos ser afetados por diferentes práticas, materiais, procedimentos, lugares, modos de existir e sentir e como podemos inventar relações entre heterogêneos; de modo que surjam em nossas práticas com os materiais (seja o papel, a semente, a linha, o galho, o tecido, a concha, a fotografia, a pedra, a palavra...) novas perguntas e proposições, novos gestos e movimentos, novas formas e forças, novas visualidades e sonoridades (DIAS e BRITO, 2022, p. 208 e 209)

De acordo com Dias (2023), as mesas de trabalho realizadas pelo grupo MultiTÃO surgiram a partir da necessidade de transformar a revista *ClimaCom* em uma “revista viva”.

“Uma revista que percorresse as ruas, casas e centros culturais, brincasse nas praças, ateliês e laboratórios, se esgueirasse entre as árvores, dobrasse as esquinas e as curvas dos rios, sentasse nos becos e ruas sem saída, dançasse

nos quilombos urbanos, risse nos bancos das escolas e tomasse banho de mar nas aldeias. Uma revista que girasse e se multiplicasse, portanto, por outros meios e vivências que não apenas os da universidade e das telas” (DIAS, 2023, p. 5)

Conhecida por articular pesquisa-arte-jornalismo no contexto de mudanças climáticas, a ClimaCom bebe na fonte das mesas de trabalho para desenvolver textos, sons e imagens que preconizam a sensibilidade multiespécie e cósmica.

Aqui, busca-se demorar especialmente sobre a mesa de trabalho *Perceber-Fazer Floresta* - realizada no dia 8 de março de 2024 no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor-Unicamp) - a fim de perceber suas afetações sobre a prática jornalística da revista. Essa mesa de trabalho experimenta a relação da escrita com plantas e pássaros e, com isso, propõe uma divulgação que muito nos interessa.

Fundamentação Teórica

Haraway (2019) diz que vivemos tempos de finitude da continuidade. Para a autora, estamos diante da tarefa de fazer conexões a fim de que vivamos e morramos bem. Para isso, muito importa o contato de um ser com o outro.

Krenak (2020) também parece assumir a finitude da continuidade ao nos convocar para adiar o fim do mundo. Segundo ele, adiar-lo depende de contarmos histórias. A divulgação jornalística e científica precisa estar atenta a elas a fim de partilhar o que elas dizem sobre nós e, mais ainda, o que elas podem nos tornar. Para contá-las, faz-se necessário estarmos juntas/juntos/juntas. “É importante viver a experiência da nossa circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros” (KRENAK, 2020, p. 27)

Em outro material, Krenak (2022) nos leva a entender que estarmos juntas/juntos/juntas e contarmos histórias não são práticas que cabem apenas à humanidade. “Acontece que, nas narrativas do mundo onde só o humano age, essa centralidade silencia todas as outras presenças” (Krenak, 2022, p. 37) Logo, a divulgação jornalística e científica precisa também assumir um comprometimento com as demais espécies, sem que nenhum ser escape. Se a ameaça da crise climática se destina a todas as formas de vida, as nossas comunicações devem necessariamente considerá-las e envolvê-las.

É exatamente por isso que a prática das mesas de trabalho, já expostas na metodologia de acordo com Dias (2023), nos interessa. Mais especificamente, a mesa de trabalho *Perceber-Fazer Floresta* - realizada no dia 8 de março de 2024 no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor-Unicamp) - tensionou a aproximação entre águas, sons, plantas, papéis, imagens, escritas, bichos. Em uma série de atividades, as/os/es participantes se arriscaram a escrever, recortar, colar, ouvir, desenhar e criar.

As reverberações dessa e das demais mesas de trabalho afetam fortemente a prática jornalística da ClimaCom e dão origem a materiais de divulgação que se propõem a considerar a proporção multiespécie da crise climática.

Em reportagem escrita por Miranda (2024) para a ClimaCom, Garcia (2024) faz coro em defesa da atenção à vida e fala sobre entrelaçar existências mínimas. Para ele, convém pensar em uma divulgação que produz novos sentidos, assombra-se e ajunta múltiplos olhares. “Nesse caso, estaríamos desobrigados da neutralidade e atentos à nossa relação com os outros viventes” (MIRANDA, 2024, p. 3)

Nesse sentido, Brum (2006) chega até este trabalho como referência de caminho a seguir. No livro “A Vida que Ninguém Vê”, ela dá pistas desde o título sobre o que propõe: um jornalismo que enxerga o invisível. Através de sua escrita, lança luz sobre as forças e as fragilidades de existências que costumam escapar de nossos olhos, mas que convivem conosco debaixo do mesmo céu e sobre o mesmo chão. Então, nos convoca a olharmos e a nos demorarmos olhando. “Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as outras expressões do que somos” (BRUM, 2006, p. 190)

Conclusão

Em tempos de crise climática e de tantas outras crises pessoais e coletivas que a atravessam e a agravam, o jornalismo fica com a tarefa de colocar o incontável em palavras e, em seguida, divulgá-lo. No entanto, ele nem sempre parece caber. Então, os fins de mundo se apertam entre vírgulas e são abreviados. Nas notas de rodapé, encontram-se espécies e histórias que se tornam miudinhas, quase sempre não vistas.

A tarefa de contar o incontável só poderá ser cumprida se houver sensibilidade para perceber a profundidade da emergência cósmica, sem banalizar as causas e as consequências, bem como as camadas da mesma.

As mesas de trabalho buscam cultivar essa sensibilidade. Seus resultados revelam o quanto podem histórias que dão atenção a todas as formas de vida e propõem um modo mais sensível de contá-las.

Então, pensando nos resultados do Grupo de Pesquisa MultiTÃO através das mesas de trabalho e da revista ClimaCom, conclui-se que se faz necessário compor um jornalismo que esteja em conexão e aliança com todos seres e forças, que se responsabilize pelo que conta e pelo que não conta, que preze por narrativas para além de estatísticas, que crie mundos possíveis e potentes, que encare o problema da crise climática sem piscar, que busque a vida após o ponto final.

REFERÊNCIAS

- Brum, Eliane. **A Vida que Ninguém Vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial: 2006.
- BRUM, Eliane. **Brasil: Construtor de Ruínas**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.
- DIAS, Susana O.; BRITO, Maria dos Remédios. A Arte Pública diante do Antropoceno: Experimentações em “mesas de trabalho”. Em: Furegatti, Sylvia; Sequeira, Alexandre; Bassani, Tiago (ED.). **Arte Pública no Brasil: Convergências e Dissensos**. Campinas: Unicamp, 2022.
- DIAS, Susana. Um Caminhar Multiespécies: Mesas de Trabalho como Modos de Habitar Artes, Educações e Comunicações diante do Antropoceno. **Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais**, vol. 16, p. 1-22, 2023
- HARAWAY, Donna. **O Manifesto das Espécies Companheiras**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- HARAWAY, Donna. **Seguir con el Problema**. Bilbao: Consonni, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MARENGO, José Antônio. Mudanças Climáticas Globais e Regionais: Avaliação do Clima Atual do Brasil e Projeção de Cenários Climáticos do Futuro. **Revista Brasileira de Meteorologia**, v. 16, n. 1, p. 1-18, 2001.
- Miranda, Emanuely. Como Contar o Incontável. **Revista Climacom**. 14 de março de 2024. <Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/contar-o-incontavel/>>
- OMM confirma que 2023 bate recorde de temperatura global. **World Meteorological Organization**. 12 de janeiro de 2024. <Disponível em: <https://wmo.int/news/media-centre/wmo-confirms-2023-smashes-global-temperature-record>>